

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ANA CAROLINA VARELLA DE ALICE

PSICOPEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO NA APRENDIZAGEM

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ANA CAROLINA VARELLA DE ALICE

PSICOPEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO NA APRENDIZAGEM

Monografia do Curso de Pós-graduação
Lato Sensu em Especialização em
Psicopedagogia, apresentado à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo para
título de Especialista

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Calil
Padis Campos

São Paulo

2023

Dedico este trabalho a minha família e aos meus verdadeiros amigos que sempre estiveram me incentivando a nunca desistir e por apoiarem a busca pelos meus sonhos.

Agradecimentos

As palavras se tornam insuficientes e difíceis para agradecer a todos aqueles que estiveram comigo nessa caminhada de grandes descobertas. A minha maior alegria foi a presença de tantas pessoas que me entenderam e me apoiaram. Foram pessoas que estiveram presentes em todos os momentos, que conforme as minhas vitórias, vibraram comigo e em momentos difíceis estavam me apoiando me ajudando a combater cada barreira.

Em primeiro lugar gostaria de destacar a minha família, a minha base a qual nunca conseguirei retribuir, pelo carinho e o amor que me deram. A minha irmã Patrícia que foi a minha primeira amiga, aquela que me mostrou que juntas somos capazes de combater o mundo, sempre me estimulando e nunca me deixando desistir a qual, a cada dia que passa, me enche de orgulho. A minha mãe Mônica, por ter vivido todas as apreensões junto comigo, por estar sempre presente quando preciso e o mais importante me mostrar a maravilha que é trabalhar na educação. Ao meu pai Ronaldo que por mais clichê que seja vai ser meu eterno super-herói, com um coração tão bonito que me enche de admiração. Aos meus avós que constituíram essa família maravilhosa. As minhas primas e primos que estão do meu lado a cada escolha. E a todos os outros membros familiares por me alimentarem de sabedoria.

Não menos importante, o meu namorado Gustavo, pelo amor, respeito e cuidados compartilhados, pela compreensão e paciência no período de elaboração deste trabalho. E as minhas amigas, minha amizade e gratidão. Que muitas acabaram colaborando com informações para o meu trabalho com integração, harmonia e cooperação constante.

Agradeço a todos os professores. Que muitas vezes foram mestres na minha vida, que aprendi a admirar e respeitar, profissionalmente e pessoalmente. E não só a eles, mas a todos os profissionais que tive a honra de trabalhar junto e espero futuramente ter esse privilégio de novo.

A minha orientadora, a Profa. Dra. Terezinha Calil Padis Campos a minha eterna gratidão pela paciência no início desse processo, mil vezes obrigada, pela disponibilidade e atenção. A Prof. Dra. Vera Lucia Lotufo Belardi Neto por todo o suporte e aos professores do curso de Psicopedagogia, pelas grandes contribuições.

RESUMO

Esse trabalho tem o intuito de explorar possibilidades de trabalhar a atenção em si, levando em consideração que esse é um dos primeiros passos para uma aprendizagem efetiva. Portanto, o trabalho tem como objetivo analisar a importância da atenção nos anos iniciais. Trata-se de uma revisão bibliográfica com o intuito de verificar as contribuições que o controle da atenção pode trazer para crianças da Educação Infantil, no âmbito da aprendizagem. Os resultados encontrados evidenciam um número grande de artigos que abordam como a falta de atenção nas escolas é um grande desafio para os educadores. Também se depara com um número relevante de artigos mostrando as vantagens e possíveis treinamentos relacionados à atenção, principalmente em relação à aprendizagem. Foram utilizados projetos educacionais que apresentam exemplos de como incorporar a atenção na sala de aula como “*Tools of the Mind*”, “*Inner Kids*”, “PIAFEX” e “Projeto Crescendo Zen”, além de sugestões de propostas de atividades. As conclusões dos estudos apontaram que cada vez mais percebe-se a importância de trabalhar com a atenção nos anos iniciais e que futuramente os ganhos serão enormes, como o controle de autorregulação. Assim, esse trabalho tem o propósito de explanação de estratégias e adquirir conhecimentos, ligados à atenção, a serem empregadas pelo psicopedagogo tanto no âmbito educacional quanto no clínico no sentido de preencher possíveis lacunas de aprendizagem, de modo a apresentar de maneira clara a importância do estudo e ensino da atenção.

Palavras- Chaves: Psicopedagogia, Atenção, Processo Educacional, Abordagens de Relaxamento

ABSTRACT

This work aims to explore the innumerable possibilities of working the attention itself, taking into account that this is one of the first for effective learning. Therefore, it aims to work on the importance of attention in the initial years. It is a bibliographical review with the objective of verifying the contributions that the control of attention can bring to children from Early Childhood Education, within the scope of learning. The results found evidence in a large number of articles that address how the lack of attention in schools is a great challenge for educators. It also comes across a relevant number of articles showing the advantages and possible training related to attention, especially in relation to that learning. We used educational projects that present examples of how to incorporate attention into the classroom as "Tools of the Mind", "Inner Kids", "Piafex" and "Crescendo Zen" in addition to suggestions for proposed activities. The conclusions of the studies pointed out that the importance of working with attention in the initial years is increasingly perceived and that future gains will be enormous, such as self-regulation control. Thus, this work has the purpose of explaining strategies and acquiring knowledge, related to attention, to be used by the psychopedagogue both in the educational and clinical scope in order to fill possible learning gaps, in order to clearly present the importance of the study and teaching of attention.

Keywords: Psychopedagogy, Attention, Educational Process, Relaxation Approaches

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - Desenvolvimento Cognitivo e Neurológico de Crianças com Foco na Atenção.....	13
1.1 Definições e Tipos de atenção.....	17
1.2 Afinal o que é desatenção?	21
CAPÍTULO II –Infância.....	23
2.1 Prestar atenção na atenção.....	25
2.2 Potência atencional da Alegria.....	27
CAPÍTULO III- Propostas de Intervenções Ligadas à Atenção.....	30
3.1 Programa Tools Of The Mind.....	30
3.2 Programa Inner Kids.....	33
3.3 Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas PIAFEX....	34
3.4 Projeto Crescendo Zen.....	35
3.4 Considerações das Propostas.....	36
CAPÍTULO IV – Propostas de Atividades Ligadas à Atenção.....	37
3.1 Exemplos de Atividades para Desenvolver com as crianças.....	38
3.2. Considerações das Atividades.....	39
CAPÍTULO V – Atuação do Profissional Psicopedagogo.....	41
CAPÍTULO VI- Considerações Finais	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

Cecília Meireles

O tema que me conduziu a essa pesquisa está ligado tanto com a minha história pessoal, quanto com a dificuldade que está presente na vida de muitas crianças no que diz respeito à aprendizagem. Quando questiono os professores sobre as aulas, postura dos alunos em sala de aula e resultados, uma das críticas que escuto é a questão da falta de atenção.

No momento que iniciei o curso de psicopedagogia, a questão do fracasso escolar era a minha preocupação central. O que leva o sujeito a este tal fracasso diante de aulas interessantes, cheias de conteúdo e planejadas? Como professora em uma escola particular de São Paulo, umas das preocupações que mais escutava por parte dos pais era saber como estava a atenção do seu filho. Também é frequente escutar dos colegas que as crianças não se sentavam à mesa direito ou não ficavam paradas na hora da roda e até de professores mais experientes e antigos, dizendo como os alunos tinham mudado ao longo dos anos.

Diante deste cenário comecei a me questionar sobre quando eu era criança/adolescente, uma das queixas dos meus professores, foi a minha falha atencional. No colegial uma professora de matemática, me perguntou por que eu não conseguia fixar determinados conteúdos já que eu era uma aluna dedicada, sempre participava nas aulas de forma assertiva, era interessada e frequentava aulas de apoio oferecidas na escola. Como as notas não atingiam a média, sugeri que eu deveria ter alguma questão pedagógica que justificasse esses resultados insatisfatórios. Fui a um médico por conta disso e ele me diagnosticou com Transtorno de Déficit de Atenção (TDA/H) e disse que seria necessário eu tomar Ritalina. Cheguei a tomar esse remédio por alguns meses. Ao longo desse processo são poucas as recordações

que tive, somente relatos da minha família sobre uma certa depressão e um extremo mau humor. Insatisfeita com o meu resultado, minha mãe resolveu procurar outro médico que fez um teste mais profundo e o resultado foi que não, o transtorno de TDA/H não foi encontrado.

O interesse então pela atenção surgiu em mim. Segundo Adriana Friedmann (2020 p. 25) *“Conhecer a história e as histórias das infâncias é fundamental para compreender como evoluímos, como nos constituímos e até como, em alguns aspectos, ficamos estagnados ou regredimos como seres humanos”*. Dessa forma, foi através da minha história que tive o interesse de estudar mais profundamente esse assunto.

São diversos os textos e pesquisas que encontramos sobre o Déficit de Atenção, porém, quando pesquisamos sobre a atenção ou a falta de atenção, voltada exclusivamente para crianças e adolescentes, acabam sendo mais difíceis de serem encontrados. Esta questão sobre atenção costuma ser trabalhada de modo amplo e centrada geralmente nos adultos. Um diagnóstico errado pode trazer diversas consequências. No caso citado acima, imagina se até hoje eu acreditasse no diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção que me prescreveram e estivesse usando a medicação para tal problema. Quais teriam sido as consequências?

Segundo o psiquiatra do Hospital Santa Mônica, Dr. Marcel Vella Nunes (2020) a Ritalina usada de modo indevido pode causar dependência. *“A grande questão da dependência é que além da repercussão clínica, ela também causa um efeito social. Então, além dos efeitos colaterais na saúde, a pessoa ainda tem que lidar com a incapacidade de trabalhar, estudar, manter os compromissos e a agressividade, o que causa um grande efeito no meio social”*.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Defesa dos Usuários de Medicamento, publicados pela Veja (2020), o segundo maior consumidor de Ritalina do mundo é o Brasil, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Já a Agência Nacional de Vigilância Sanitária diz que entre 8 e 12% das crianças do mundo são diagnosticadas com o TDA/H. E na maioria das vezes são encontradas dificuldades comportamentais. Porém, segundo especialistas desta pesquisa muitos dos diagnósticos acabam sendo

equivocados e provocados pela ansiedade dos pais, sendo este o principal motivo do Brasil estar como segundo maior ranking do consumidor.

As ideias que vão se impondo no imaginário social para explicar os motivos pelos quais um aluno fracassa na escola mudaram rapidamente de sentido na última década. Assim, substitui-se a hipótese “não aprende porque é imaturo, ou por falta de inteligência” pelo suposto “não aprende porque é desatento e/ou hiperativo”. Crianças e jovens chegam à consulta praticamente “diagnosticados” e, até mesmo, quase medicados pela família, a escola e a mídia. (FERNANDEZ 2009, p. 4)

Desta forma, devemos ter um olhar cuidadoso sobre a questão atencional. O ponto de partida é entender o princípio de tudo, que é a real função do estudo sobre a atenção. Isto antes de aceitar diagnósticos precoces de TDA/H.

O presente trabalho busca abordar o que é a atenção e como ela reflete na infância; sem adentrar nas discussões acerca dos diversos diagnósticos que a falta de atenção pode trazer. Além disso, muitas vezes esse tema é visto como irrelevante e secundário na Educação Infantil e só entra em discussão a partir do momento que é observado alguma falha no aprendizado no Ensino Fundamental I, II ou no Ensino Médio. Este trabalho, portanto, pretende verificar como a atenção pode trazer benefícios se for trabalhada desde cedo nas crianças. Compreender os mecanismos atencionais, seu desenvolvimento e sua relação com a clínica psicopedagógica.

Se considerarmos o significado da palavra atenção, este vem do verbo atender, que está vinculado com o cuidar. Assim como diz Fernández (2001), atender é cuidar. Portanto, quando abordamos a questão da atenção estamos vinculando com o outro. As crianças precisam de modelos para entender o que é a atenção. A partir disso, precisamos nos questionar sobre quais são os padrões que estão sendo trabalhados nas crianças durante o processo de aprendizagem e entender como este processo se dá; também levando em consideração as relações afetivas parentais e sociais.

Precisamos ampliar o nosso olhar sobre a criança e a infância. Dar a possibilidade de vivenciar situações e permitir que circulem e convivam com outros pares e adultos em diversos espaços, situações e grupos. Para Adriana Friedmann

(2020) cada ser humano tem a sua essência particular. “A partir da identificação de seus interesses, necessidades, temperamentos e potenciais, pais educadores ou cuidadores têm a oportunidade de oferecer a cada um, não somente estímulos para o desenvolvimento de suas potencialidades individuais, como também desafios e ampliação de repertório para que experimentem outras formas, áreas, possibilidades de se conhecer e viver” (FRIEDMANN, 2020 p. 95).

Dessa forma, devemos possibilitar experiências para as crianças. Vygotsky (1998) menciona a brincadeira infantil como uma maneira que a criança tem de expressar e apropriar-se do mundo. Assim, através das atividades lúdicas, elas atuam, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes. Assim, a criança tem a possibilidade de se apropriar do mundo, das relações, das atividades e dos papéis adultos. E dentro da brincadeira surge a capacidade de imaginar, fazer planos e até de desenvolver a atenção.

A partir desta questão, este trabalho será uma revisão de estudos teóricos, com a finalidade de verificar as contribuições que o controle da atenção pode trazer para crianças na Educação Infantil no âmbito da aprendizagem. Bem como entender os benefícios que a atenção pode trazer e, com isso, desenvolver nos alunos a capacidade de regular as emoções, a relação com as normas e regras e dessa forma adquirir maior habilidade nas relações sociais.

Como ponto de partida será trabalhado a atenção sob a perspectiva do desenvolvimento cognitivo e neurológico das crianças na fase inicial da aprendizagem escolar. Porém, devemos lembrar que o desenvolvimento da capacidade de atenção se dá desde o útero materno. (DIAS, 2010) Em seguida, será apontado aspectos da infância, destacando como é importante o brincar e conseqüentemente entender os benefícios que a atenção traz para o campo de aprendizagem. Trazendo o enfoque no conceito da Alicia Fernandez (2012) que o primeiro passo para pensar na atenção é que precisamos resgatar o estado emocional da criança e para isso é necessário *"olhar cuidadosamente para a potência atencional da alegria, ou seja, resgatar a potência atencional da alegria das feridas produzidas pela banalização da dor, do esvaziamento da ternura, da negação dos mal-estares sociais, do tédio e do despojamento da subjetividade. Um aluno com um certo sofrimento, terá*

consequência com o ato de prestar atenção, isso acaba causando um tédio e até uma falta de vontade" (FERNANDES, 2012). Muitas vezes o tédio pode estar ligado à falta de motivação para aprender. Uma forma de trazer o resgate da "potência atencional da alegria" é através de brincadeiras que permitam que as crianças se expressem livremente e para isso elas precisam experimentar e vivenciar situações. Por conta disso, o trabalho será finalizado com propostas de intervenções e brincadeiras, que estão ligadas a questões atencionais, apontando os benefícios de se trabalhar com atenção nos anos iniciais.

CAPÍTULO I - DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E NEUROLÓGICO DE CRIANÇAS COM FOCO NA ATENÇÃO

Quando eu era criança, os adultos estavam sempre me dizendo para prestar atenção. Não importa o quanto eu tentasse, eu não entendia. Eu simplesmente não entendia, até que comecei a trabalhar com crianças e percebi que não as ensinamos como fazer isso! Não é de se admirar que eu tivesse tanta dificuldade durante minha própria infância.

Gene Lushatk

O indivíduo já começa a se desenvolver quando se encontra no útero materno. Durante a sua trajetória de vida, o ser humano será influenciado por um repertório de experiências e vivências desde a primeira fase uterina (CORRIA, MARCELINO, 2013), que estarão relacionados a estímulos positivos, como situações de carinho, afeto e acolhimento. Assim como estímulos negativos, como momentos de traumas, podendo ter impacto na vida adulta. A primeira infância é um ano crucial para as bases da aprendizagem, pois entre o primeiro e o terceiro ano de idade as vivências irão interferir na vida adulta, podendo afetar comportamentos ligados a tomada de decisão, aspectos socioemocionais e o crescimento cognitivo (PICCININ, 2012). Outros aspectos importantes para o desenvolvimento na primeira infância são a linguagem, competências emocionais e as funções executivas como a motivação, atenção, autorregulação e pensamento crítico (DIAS, 2010).

Os anos iniciais, portanto, acabam sendo um período importante para o processo de aprendizagem. Para que este ocorra de forma concreta, as crianças precisam ter oportunidades para conseguirem criar conhecimentos e estratégias para lidar com os estímulos externos (DUARTE, BATISTA, 2012). Deste modo, as crianças precisam aprender a se envolverem, interagirem e agirem com o meio, com o outro e consigo para compreender o mundo que as cerca. Nesse momento é necessário ter equilíbrio entre o cuidar e o educar, para que as crianças tenham a possibilidade de desenvolverem suas habilidades de forma integral. Assim, o educar precisa ocorrer de forma contínua, dinâmica e progressiva, para que essas habilidades sirvam como base para criar modelos, que serão parâmetros para que as crianças consigam

administrar e ter um domínio sobre as funções mais complexas, de forma mais consciente, como a memória e a atenção (SILCA, MUZZINI, 2013; PELA, et al 2014).

Dessa forma, para que de fato esse aprendizado seja realizado de forma significativa, é necessário entender o desenvolvimento das crianças. Portanto, é preciso considerar que é no período da primeira infância que ocorre uma intensa construção cerebral, (PICCININ, 2012), ou seja, é quando ocorre o desenvolvimento neural profundo, permitindo sentir, relacionar, aprender, observar e se desenvolver ao longo da vida (DIAS, 2010; PELA, et al 2014).

Até os três anos de idade o comportamento da criança será, na maioria das vezes, espontâneo e, suas ações estarão relacionadas com a sua resposta sobre o ambiente (BODROVA; LEONG, 2010). Entre quatro e cinco anos, as crianças já começam a ter uma maior noção sobre os seus atos, agindo assim de modo mais ponderado e não de forma impulsiva. Pois nessa fase, alguns conhecimentos prévios já se estabeleceram de forma mais efetiva e assim a criança se desenvolverá com uma maior consciência sobre a habilidade de atenção. Também nessa faixa etária, as crianças se tornam capazes de avaliar e analisar as suas ações, ou seja, distinguir entre o que devem ou não fazer, que comportamentos são ou não adequados e assim poder assimilar as regras que lhe são impostas (DIAS, 2010).

Em torno dos cinco anos de idade, a criança já se torna competente para regular os seus comportamentos físicos e emocionais (BODROVA; LEONG, 2010). A expectativa é que uma criança de quatro e cinco anos já tenha a habilidade de realizar algumas tarefas sozinhas, como por exemplo: arrumar seu quarto e completar sua lição de casa com êxito. Uma outra expectativa é que a criança nessa faixa etária saiba seguir as regras sociais, sabendo que certas atitudes são inadequadas, como por exemplo, não poder gritar em qualquer lugar, realizar ações simples de segurança pessoal e de autocuidado como colocar seu casaco ou guardar seus brinquedos (BODROVA; LEONG, 2010; DIAS, 2010; PELA, et al 2014).

Sabendo que cada criança passará por diversas fases de desenvolvimento, por conta da formação cerebral, é importante promover e estimular as habilidades citadas até agora. Logo, o objetivo das escolas nos anos iniciais é muito mais do que transferir conhecimentos específicos e sim, providenciar suportes que levarão ao

desenvolvimento de funções mentais superiores (BODROVA; LEONG, 2010). A escola deve também estimular o educando a construir sua própria identidade, afinal na primeira infância será o momento em que pela primeira vez a criança terá acesso ao seu papel na sociedade, se socializando (PICCININ, 2012). Por conta da socialização e diante da novidade, a escola deve trazer assuntos relacionados ao cotidiano desse ser humano para que esse convívio seja desenvolvido. Visto que as crianças terão acesso à diversos conhecimentos, vale a pena exemplificar o conhecimento acerca dos números e das letras pois, pela primeira vez, servirá como um desafio por exigir um maior foco atencional durante o aprendizado (ROHR, 2018). Fica assim nítido que, para alcançar resultados positivos no aprendizado em sala de aula, diante de um alto desafio, é fundamental que a capacidade de focar e manter a atenção às informações relevantes seja essencial e vista como uma porta de entrada para o aprendizado (HANLEY, 2017).

Portanto, a atenção é um dos primeiros passos para a aprendizagem e é também um grande desafio para quem ensina (RIBEIRO, FERREIRA, 2018). Os dados de pesquisa sobre a atenção na primeira infância ainda são limitados e conseqüentemente isso também interfere no conhecimento dos educadores. Ainda se tem um tabu no que diz respeito a atenção, pois existe uma falsa crença de que é algo simples e muitas vezes acredita-se que esta está ligada ao conhecimento, a quanto o aluno aprende ou deixa de aprender com relação ao conteúdo que está sendo desenvolvido naquele determinado momento (ROHR, 2018). Todavia, a atenção é muito mais complexa do que isso, e pode ser considerada como um dos grandes desafios para os educadores (RIBEIRO, FERREIRA, 2018).

Mas afinal o que é a atenção? A atenção pode ser considerada como uma qualidade de percepção onde as informações são captadas e um conjunto de redes cerebrais irão filtrar o que é relevante ou não, para, a partir disso, aproveitar o que é positivo (ROHR, et al. 2016). É também a capacidade de focar a mente e de responder a demanda sobre o que está acontecendo (PELA, et al 2014). E assim como dito anteriormente, a atenção é fundamental para a aquisição do conhecimento, pois o sistema nervoso só absorve a informação quando o indivíduo está atento, e o indivíduo presta de fato atenção, somente quando essa informação tem significado real (DIAS, 2010); é assim que se dá o aprendizado.

Em um estudo realizado por Ristic e Enns em 2014, foi discutido como o conceito de atenção foi mudando ao longo dos anos, e a partir desse estudo, ficou nítido que não tem mais sentido falar que a nossa “mente é como um computador” onde os dados são armazenados. A atenção hoje está voltada para uma nova visão e nesse novo parâmetro, os objetivos pessoais, motivações e vieses muitas vezes podem exercer uma influência mesmo antes das informações serem capturadas. Deste modo, a nossa mente é muito mais complexa do que se comparada a um sistema de armazenamento, e a partir disso, deve ser considerada como um objeto de estudo a um “sistema dinâmico”, pois está ligada a um reflexo de interações dinâmicas entre o ambiente e as questões pessoais. Portanto, a atenção pode ser influenciada por variáveis de personalidade, mudanças neurais, a plasticidade cerebral, fatores ambientais e predisposições genéticas.

Essa complexidade vai um pouco além dessas variáveis, pois ao se falar sobre a atenção deve-se levar em consideração que a resposta atencional pode variar de indivíduo para indivíduo (RISTIC; ENNS, 2014), e assim ocorrerão diferentes reações, pois existem inúmeras e infinitas situações a serem vividas. Assim sendo, fica impossível discutir a atenção sem antes olhar internamente para cada pessoa e considerar suas diferenças. Dá-se então o constante exercício entre o aprender, identificar, conhecer e usufruir sobre esse tema que é a atenção; e a partir disso, reconhecer que ela pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos da criança na fase escolar (DIAS, 2010). E para que esse processo ocorra de forma eficaz é necessário rever os padrões de atenção que serão exigidos e trabalhados.

A criança, além de ter diferentes respostas para as diversas situações, também sofrerá influências sobre como lidar com essa atenção, podendo ser afetada por inúmeros fatores, como por exemplo, os motivacionais ou biológicos, sendo um deles, a fome (RISTIC; ENNS, 2014). Como consequência, começarão a criar as suas próprias histórias e se tornar protagonistas do seu próprio aprendizado na medida que o seu repertório de saberes começa a, de fato, crescer.

Em alguns casos, a falta de atenção é compreendida pelo adulto, como sinônimo de indisciplina ou de desinteresse por parte das crianças. Mas hoje sabe-se que essa falta de atenção pode ser decorrente de um meio desestimulante, pois as novas informações são repetitivas ou simplesmente jogadas para os alunos, ou ainda

são simplesmente situações inadequadas à aprendizagem. Fica fácil perceber que, nesse sentido, a falta de atenção muitas vezes não ocorre por indisciplina, mas sim, por falta de estímulo (HANLEY,2017). Então porque a maioria das escolas tem a atenção como um pré-requisito para o bom desempenho? Contrário a essa necessidade, observamos cada vez mais, como as aulas são engessadas para atender a um planejamento anual ou a um conteúdo que é pré-determinado para cada ciclo escolar com a finalidade de formar cidadãos aptos para entrarem nas universidades.

A atenção não é algo que está contido ou que está ausente no cérebro da criança, mas algo que pode ser construído e moldado na escola. Em vez de tentar trazer diagnóstico ou tratamento, porque não se pensar em um ambiente em que se pratique a cultura da atenção. Afinal, não se nasce atento, e sim torna-se atento. Cada indivíduo tem a sua própria realidade, a sua visão de mundo, o seu repertório. Ao se promover um aprendizado compartilhado, com práticas divididas entre pares ou com o grupo, novos repertórios e interesses serão criados e esses assuntos são ricos em conteúdo, despertam interesse e criam saberes. Consequentemente o nível atencional aumenta. (ROHDE et al, 2000; RISTIC; ENNS, 2014)

Nesse contexto, observa-se a importância de trabalhar a atenção nos anos iniciais, para criar uma base sólida e concreta no aprendizado. Dessa forma, não se tem como abordar a atenção sem entender as questões do desenvolvimento cognitivo das crianças. Conclui-se com isso que a atenção é algo que pode ser trabalhado, trazendo inúmeros e valiosos benefícios.

1.1. Definições e Tipos de atenção

Segundo Ramon M. Cosenza (2021) a todo momento estamos rodeados por uma enorme quantidade de informação. Essas informações podem ser consideradas estímulos externos que acabam sendo levados até o cérebro chegando aos órgãos sensoriais, ou podem ser considerados processos internos, que são os pensamentos e sentimentos. E assim muitas vezes, precisamos selecionar quais são as informações que consideramos relevantes perante às secundárias; passando uma espécie de filtro que ocorre através de mecanismos neurais que selecionam as informações principais. Em outro livro, Ramon e Guerra denominam o fenômeno da atenção como

a “*capacidade de focalizar em cada momento determinados aspectos do ambiente, deixando de lado o que for dispensável*” (COSENZA; GUERRA 2011 p. 42).

Para neurociência a atenção pode ser classificada como: sustentada, focada, alternada e seletiva. Já a *atenção sustentada* descreve a capacidade de um indivíduo manter o foco atencional em um determinado estímulo ou sequência de estímulos, durante um período prolongado, para o desempenho de uma tarefa. Por exemplo, manter-se atento durante uma reunião longa. Já a *atenção focada* está relacionada com a captação dos detalhes de uma informação. Como em uma atividade cotidiana em que fica-se mais atento em um detalhe por um período mais longo de tempo. A *atenção alternada* é a capacidade do indivíduo em alternar o foco atencional, ou seja, desengajar o foco de um estímulo e engajar em outro. É ler uma receita de bolo e escrever uma poesia, pois ambas as tarefas requerem a mesma quantidade de recursos cognitivos. E não é possível estar atento a ambas simultaneamente.

Já a *atenção seletiva* é definida como a capacidade do indivíduo privilegiar determinados estímulos em detrimento de outros, ou seja, está ligada ao mecanismo básico que subsidia o mecanismo atencional. Uma situação de festa é um exemplo de *atenção seletiva*: conseguir se concentrar na voz do seu amigo, embora esteja em um ambiente barulhento e lotado. (Dalgalarrondo, 2000; Sarter, Givens & Bruno, 2001, Fagali 2020).

Segundo Bear, Connors e Paradiso (2017, p.724-740) a atenção é uma função encefálica relacionada à consciência. O uso da consciência refere-se à percepção consciente de algo que acontece no ambiente. Portanto, existe um forte elo entre atenção e consciência. Nesse sentido, nossos neurônios tornam-se ativos em resposta à entrada de uma informação sensorial (exemplo, visão ou audição) ou à geração de movimento. Em nosso cérebro existem áreas de maior atividade encefálica e áreas que ficam em repouso durante a execução de uma tarefa. Essas áreas recebem a denominação de rede neural em modo padrão, que incluem córtex pré-frontal medial, córtex cingulado e o córtex temporal lateral. Isso indica que o encéfalo apresenta atividade num grupo de áreas interconectadas (em rede). Quando relaxamos, ou quando estamos em estado de repouso, é comum lembrarmos de coisas que ocorreram em nossas vidas, isto é chamado de *cognição espontânea*, que difere da rede em modo padrão. Essa última atividade encefálica registrada envolve a

memória autobiográfica. Portanto há duas hipóteses, segundo esses autores, a *hipótese da sentinela* e a *hipótese da atividade mental interna*, ou *mentação*.

Esclarecendo melhor, a *hipótese sentinela* significa que mesmo quando estamos com o cérebro em repouso, devemos monitorar (prestar atenção) em nosso ambiente de modo amplo. Se, por exemplo, estamos numa sala de aula, prestando atenção às explicações da professora e de repente bate o sinal da escola, ou ocorre qualquer ruído na sala, voltaremos nossa atenção ao som. Se estivermos ativos numa tarefa, focamos nossa atenção naquilo em que estamos envolvidos. De forma que ocorrem mudanças no foco da nossa atenção.

Assim, nossos comportamentos mudam quando direcionamos a atenção para algum objeto de nosso interesse. Os efeitos da atenção podem ser observados em estudos dirigidos para esse fim, usando IRMf (Imagem por Ressonância Magnética funcional).

Portanto, nossos sentidos como visão, tato, audição, nosso universo de informações sensoriais estão profundamente relacionados a atenção, assim como a nossa consciência. De forma que a atenção é um processo crucial para perceber o ambiente.

É preciso lembrar que a consciência humana tem numerosas definições, desde os filósofos clássicos até os cientistas mais modernos. É através dela que nos emocionamos, temos sentimentos agradáveis e desagradáveis, como um odor ruim ou um perfume que dá prazer etc.

Desse modo, a atenção tem uma grande importância para a aprendizagem, mas ela se transforma conforme nossos estados mentais internos.

Um outro fator que deve ser levado em consideração é que a atenção pode ter grande influência em vários momentos, não somente no aprendizado, mas em outras situações em que a criança está inserida, como os estímulos, a motivação, o estado emocional e até como a família lida com as questões atencionais. (Davidoff, 1983).

Outro aspecto sobre a atenção, mais usada na psicopedagogia, se dá na divisão de dois tipos básicos de atenção: a *voluntária* e a *involuntária*.

A primeira é a capacidade de escolher um ponto de interesse por vontade própria e mantê-lo em foco pelo tempo desejado. Portanto, nos leva a focalizar um determinado objeto, desligando dos demais estímulos que estão ao nosso redor. E está ligado às motivações, interesses e expectativas (Dalgalarrodo, 2000). Ou seja, se atentamos à uma modalidade (exemplo: leitura), outras modalidades podem ficar inibidas (exemplo: insensíveis aos sons que chegam).

Já a atenção *involuntária*, é relativa a estímulos internos ou externos que acontece de forma instantânea. Nós nascemos com ela e está presente na primeira infância. (LURIA, 1979). Os estímulos externos continuam presentes em nosso dia a dia: uma buzina repentina pode nos chamar atenção, ou o ruído de um trovão pode nos despertar para a chuva lá fora; ou seja, quando há estímulos fortes, a atenção é dirigida a eles. Ainda assim, percebemos que a atenção, mesmo involuntária, pode ser também mediada pelos signos adquiridos (LURIA, 1979). Por exemplo, reagimos "instintivamente" ao ouvirmos o som de nosso nome. Nossa reação é imediata, involuntária, mas só o fazemos porque associamos um signo a esta linguagem específica que é o nosso nome. Assim, temos uma *atenção involuntária* mediada por significados aprendidos.

No processo psicopedagógico, é importante analisar se o sujeito está transitando entre estes dois tipos de atenção, *a involuntária e a voluntária*, ou se há permanência maior em um determinado tipo. Permanecer em uma atenção específica pode indicar a necessidade de um atendimento psicopedagógico clínico.

Segundo Ramon (2021), durante as suas pesquisas, um fator que apareceu foi a diminuição da capacidade de manter a atenção voluntária. E isso está ocorrendo porque as pessoas estão constantemente sendo "bombardeadas" por inúmeras informações. Por conta disso, o sujeito acaba fazendo várias ações ao mesmo tempo.

As pesquisas têm demonstrado, contudo, que não é possível prestar atenção consciente em duas atividades ao mesmo tempo. Embora tenhamos a impressão de que conseguimos essa proeza, o que o cérebro faz, na verdade, é alternar sucessivamente sua atividade entre um e outro estímulo. Com isso, o desempenho é mais lento e o processamento das informações se torna mais superficial. O cérebro só processa conscientemente uma informação de cada vez e, ao tentar dividir a atenção, são necessários alguns segundos para conseguir um novo foco adequado quando a atenção é redirecionada a uma tarefa específica, depois de uma distração. A perda de rendimento se manifesta se essas mudanças são feitas de forma sucessiva. Além disso, o hábito de estar a todo momento envolvido em multitarefa

enfraquece a capacidade de manter a atenção executiva, ou voluntária, por um tempo mais prolongado. Perdemos, cada vez mais, a habilidade de concentração. (RAMON, 2021 p.16)

Cada vez mais, estamos acostumados com essa enorme quantidade de estímulos e isso faz com que tenhamos dificuldade em ficar sozinho com nossos pensamentos e até de se relacionar com o outro. O nosso cérebro não divide realmente a atenção: ele alterna entre os objetos de atenção. Isso torna o processamento mais lento e mais superficial. (RAMON, 2021).

1.2. Afinal o que é a desatenção?

De acordo com o dicionário Aurélio a palavra desatenção pode ser definida como: *“a falta de concentração ou distração”*. E é possível encontrar a palavra desatenção relacionada a um *“padrão comportamental em que o indivíduo tem dificuldade em iniciar, permanecer envolvido e concluir tarefas”*. Porém, muitos dos artigos e estudos encontrados sobre o tema abordam apenas questões do TDA/H e não a desatenção por si.

Alicia Fernández, em seus artigos e livros, ao invés de definir o que é a desatenção apresenta outro ponto. Ela aponta que antes de falar sobre o problema ou a dificuldade de cada um é mais relevante abordar as capacidades e possibilidades. Fazendo com que o problema seja evitado e talvez nem apareça. Entender quais são os potenciais das crianças pode ser um ponto de partida para começarmos a trabalhar a questão da atenção.

Outra visão complementando o que foi dito anteriormente é a da Eloisa Fagali. Dizendo que o ponto de partida da desatenção é entender o que está ligado a essa função. Faz-se isso olhando para *“os fatores ambientais, as funções neurológicas, à imaturidade própria do processo de desenvolvimento cognitivo da criança, em que ocorreu estimulação favorável ou inadequada, nas situações de aprendizagem além de questões emocionais.”* (FAGALI, 2021).

Portanto, o sujeito tem um repertório que precisa ser observado com um olhar atento. E não é descartando a desatenção e sim fazendo com que a criança através

das suas capacidades e possibilidades sejam encorajadas a lidarem com essas dificuldades e vejam esse processo com um amadurecimento.

Um ponto que devemos levar em consideração durante o amadurecimento é que nesse processo as crianças estão cada vez mais sem tempo de brincar e ter a oportunidade de conviver com crianças de outras idades. *“Parece que os relógios correm mais depressa e que o dia nunca é suficiente para terem brechas para brincar”* (FRIEDMANN, 2022, p. 12). Assim, com essa enorme demanda o “prestar atenção” nas ações do dia a dia fica comprometido. Ações ligadas às rotinas diárias, às pessoas que as cercam, paisagens e o mundo ao seu redor, parecem não ter importância. Consequentemente, as pequenas ações acabam ficando menos percebidas.

Por isso, quando falamos de atenção devemos olhar para a primeira infância. Para o psicanalista Ricardo Rodolfo (2008) quando a criança brinca ela desenha o seu próprio limite, permitindo que se expressem livremente vivenciando diversas situações. Por exemplo, quando a criança brinca de imitar alguma profissão, como a de médico, ao aferir a temperatura de um possível paciente, que no caso é um amiguinho, ou ao perguntar como o paciente está, ou ainda ao olhar para esse paciente, são exemplos típicos de atenção. Já quando ela tem um prazo para cumprir as tarefas determinadas por alguém, observamos que esses momentos de aprendizado se perdem. Dessa forma o mundo vai ficando imperceptível sobre a perspectiva da criança.

CAPÍTULO II - INFÂNCIA

Está na hora de brincar,
Com o que cada um tiver de melhor - sua imaginação -
Com que cada um puder - seus desafios -
Com que cada um quiser
Adriana Friedmann

A Educação Infantil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- LEI Nº 9.394, 1996) é *“a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”*. (Brasil, 1996, seção II, art 29). Os anos iniciais de uma criança são marcados por um período crucial, em que ocorre o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais que, se aprimorados desde cedo, terão impactos positivos em habilidades complexas, inclusive as habilidades cognitivas, como por exemplo a atenção, emoção, inibição, coragem, tolerância e autorregulação (PELA, et al 2014; ROHR, et al, 2016).

“A infância é a fase do ser humano que tudo começa, tanto o que é da natureza genética quanto o que decorre das relações e dos vínculos que cada pessoa estabelece com seu entorno” (FRIEDMANN 2020 p. 31). Ou seja, é a fase de estímulos, de excessos ou faltas, de empatia ou rejeições, de cuidados, de espaços de convivências, de gestos, de cuidados com a higiene, alimentação, brincadeiras e costumes.

Donald Woods Winnicott (1896-1971), um médico pediatra e psicanalista em seu livro *Processos de Amadurecimento e Ambiente Facilitador* (1958-1963), dizia que cada indivíduo tem uma tendência inata para amadurecer, porém esse processo só ocorre quando a pessoa tem um “ambiente facilitador” na primeira infância. Isto é, condições físicas e psicológicas que favorecem o desenvolvimento. Portanto, não é determinado pelo ambiente, mas um ambiente “suficientemente bom” será capaz de oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento.

Os momentos de cuidado, como a hora do banho, é um exemplo disso. Nessa hora, existem oportunidades para a interação e construção de vínculos afetivos que podem ser notados quando a criança é tocada, observada e acariciada. Um outro momento memorável é quando o adulto brinca com a criança e usa diferentes objetos

e trabalha com diferentes formas lexicais, aplicando o vocabulário e o repertório, ampliando a possibilidade de melhorar a linguagem. Outro exemplo, é segurar uma criança no colo, muitas vezes passa a sensação de segurança fazendo com que o indivíduo se sinta acariciado e cuidado.

O documento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define o que é Educação Infantil, porém o conceito de infância é algo mais complexo. Afinal é algo que está sempre em construção e varia conforme cada realidade. *“Ser criança e viver a infância depende muito das referências e expectativas da família, da escola e da comunidade em que cada um cresce”* (FRIEDMANN 2020 p.79).

Fernandez (2012), ao tratar das questões atencionais, sugere que o acolhimento da mãe, cuidador ou cuidadora; o contato com o leite, a manipulação de objetos, o agarrar e o brincar, nessa perspectiva, são solos nos quais as sementes atencionais poderão germinar, crescer e se nutrir. Essa forma de perceber a atenção nos remete à importância de examinarmos com cuidado os processos a ela relativos, na Educação Infantil. Nesse momento do trajeto formativo da criança, inauguram-se, para ela, novos campos de possibilidades, como novos estímulos, novas relações, novos desafios. As atividades de atenção, aqui, não apenas participam dessas possibilidades, mas também são afetadas por elas.

Ainda se tem muito para desvendar da infância. Mas uma forma que os adultos têm de tentar entender cada criança é através das brincadeiras. Sara Paín, em seu livro escreve que no momento do diagnóstico é importante descobrir como as crianças brincam escrevendo o inventário, a postulação do jogo e a integração da experiência (PAÍN 1985, pp. 52-55). O brincar acaba sendo a linguagem que as crianças expressam.

As brincadeiras são chaves para o desenvolvimento integral de potenciais aprendizagens das crianças. Brincadeiras e jogos trazem à tona valores essenciais de seres humanos; dão lugar a uma forma de comunicação entre iguais e entre várias gerações; são instrumentos para o desenvolvimento e pontes para diversas aprendizagens; possibilidades de resgates do patrimônio lúdico - cultural em diferentes contextos socioeconômicos. Brincadeiras e jogos constituem desafios deste novo século do tempo livre; são sementes de possibilidades criativas; instrumentos de inserção em sociedades marcadas por preconceitos e pela competição exacerbada; são possibilidades de liderar e conduzidos; de falar e de ouvir. Brincadeiras podem favorecer a cura psíquica e física. E traçar caminhos de conhecimento e descoberta de potenciais, incentivando a autonomia, a livre escolha e a tomada de decisões. (FRIEDMANN, 2020 PG 79)

Com a brincadeira a criança tem a possibilidade de conhecer e testar o mundo. Para Fernandez (2011) o brincar é a primeira "experiência de autoria" e é quando nutrimos a capacidade de atenção. Quando uma criança recebe um instrumento que para ela que é desconhecido, como o caxixi, ela vai fazer experiências de autoria e tocar do seu jeito. Outro exemplo é quando oferecemos à elas materiais não concretos (folhas, conchas, galhos). Para os adultos isso é considerado não importante por ser apenas coisas presentes na natureza, já para uma criança, servirá como múltiplas possibilidades de testar este material criando diferentes utilidades para eles, consequentemente trazendo novos saberes.

Essa forma de perceber a atenção nos remete à importância de examinarmos com cuidado os processos relacionados a ela, especialmente na Educação Infantil. É exatamente nesse momento de trajeto formativo da criança que se inauguram novos campos de possibilidades, novos estímulos, novas relações, novos desafios. As atividades de atenção, aqui, não apenas participam dessas possibilidades, mas também são afetadas por elas.

2.1. Prestar atenção na atenção

Assim como temos que aprender a andar antes de correr, e somar antes de resolver problemas de álgebra, a capacidade de prestar atenção também é uma prática. Às vezes, habilidades de atenção estáveis e fortes vêm naturalmente – mas não sempre – e habilidades de atenção subdesenvolvidas podem ser um enorme obstáculo à aprendizagem em escolas onde ter e manter um forte foco é necessário para o sucesso.

Muitas vezes, é solicitada uma atenção que não foi ensinada ou que não foi desenvolvida em conjunto com o educando e o educador. É importante salientar que o cérebro humano é moldado por experiências repetidas, como ler, escrever, aprender novas línguas e quanto mais praticamos essas experiências, mais regiões cerebrais ligadas a essas áreas serão desenvolvidas. E novas conexões neurais irão ser criadas, formando uma nova rede neural que poderá ser acessada futuramente ampliando o conhecimento prévio, o conhecimento sobre o mundo, a noção de pertencimento entre outros elementos importantes para o desenvolvimento global, a noção de pertencimento e a possibilidade de continuar aprendendo. O mesmo ocorre

com a atenção. Por esse motivo, é necessário treinar a atenção na primeira infância (PELA, et al 2014; HANLEY, et al, 2017).

Ensinar as crianças a prestar atenção é importante, não é uma habilidade inata. Para a criança aprender e guardar o conhecimento na memória de longo prazo, é necessário repetir e exercitar muitas vezes, o que ela aprendeu em sala de aula. Já vimos que existem vários tipos de atenção, mas não permanecemos atentos o tempo todo. Sons ao nosso redor, hábitos corriqueiros, uma voz em um mesmo tom se perde dentro do contexto. Ações repetidas se tornam mecanizadas então primeiramente, vamos investigar sobre o que acontece ao pedirmos às crianças para "prestar atenção", o que exatamente estamos pedindo que elas façam? Estamos pedindo para se concentrar em uma coisa e excluir todo o resto? Será que estamos pedindo que percebam várias coisas, talvez um pensamento, uma emoção e uma sensação física, tudo ao mesmo tempo? Ou será que o que nós realmente gostaríamos era que elas mudassem sua atenção para lá e para cá, entre uma coisa e outra?

Em seu livro *Distracted* (2009), Maggie Jackson escreve sobre o Dr. Leanne Tamm, um professor assistente de psiquiatria na Southwestern Medical Center da Universidade do Texas, explica que, ao contar às crianças sobre a atenção, "um dos elementos mais críticos é dar a elas uma linguagem comum para o que significa prestar atenção." Para fazer isso, temos que ter uma melhor compreensão de que há diferentes tipos de atenção e diferentes formas de estar presente. Desta forma estaremos preparados para ensiná-los a conseguir reagir sobre o que fazer, como e quando devem mudar ou seguir adiante diante do comando *Preste Atenção*, criando possibilidades para que adultos, cuidadores, professores entendam as crianças cuja atenção precisa ser desenvolvida ou melhorada para que as conexões e circuitarias neurais sejam formadas e posteriormente acessadas. Sem essa prática, não irão existir meios nem formas de compreender e reagir frente ao comentário *Preste Atenção*. Por isso, antes de trabalhar com a atenção é importante saber o conceito e quais as necessidades de cada um naquele determinado momento.

Alguns estudos apontam que umas das primeiras habilidades cognitivas a aparecer na infância é a inibição, que se dá aproximadamente aos 12 meses de idade (DAWSON; GUARE, 2010). Trata-se do controle que o bebê terá diante dos estímulos externos, como por exemplo, quando está com fome ele começa a regular melhor o

choro. Só entre os quatro e cinco anos de idade que será desenvolvido mais concretamente a atenção e o controle que as crianças terão sobre suas ações, isto é, conseguir, em situações diversas, negociar soluções para os seus problemas (DIAS, 2010).

Sendo assim, o desenvolvimento adequado da atenção na educação infantil mostra-se essencial, uma vez que, sem esses incentivos necessários, haverá desvantagem no desenvolvimento da criança, podendo até causar danos futuros (ROHR, et al, 2016). Esses danos estão ligados a "sobrecarga" de informações, desorganização mental e dificuldade em iniciar ou retomar uma tarefa (MESLTEZER, BAGNATO, 2010).

Muitas vezes, o desenvolvimento integral da atenção é "aprisionado" (FERNANDEZ 2012) e por isso a importância de compreender a atenção a partir de uma integralidade, ou seja, considerar a complexidade de elementos que a constituem.

Dessa forma, devemos pensar em ambiente que possibilite e que promova que a criança saia desse "aprisionamento" sendo no âmbito pedagógico, clínico e nos contextos familiares e sociais. Promovendo um local adequado para que este processo ocorra de forma natural (DIAS, 2010). Os estímulos estão integrados às questões afetiva, física, cognitiva e sensorial como tratamos e abordamos anteriormente. Portanto, é de fundamental importância trazer diversos incentivos, sensoriais, auditivos, visuais, motores e corporais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dessas habilidades (RUEDA, 2010). Então como podemos ignorar que o brincar é necessário durante a infância?

2.2. Potência atencional da Alegria

A atenção sofreu mudanças significativas quanto à sua concepção ao longo dos anos e o desenvolvimento dessa habilidade está sendo estudado como a causa e o resultado das interações entre o ambiente, o cérebro em desenvolvimento e o indivíduo. (BRECKENRIDGE, BRADDICK, ATKINSON, 2013). Dessa maneira, é necessário ponderar a diferença entre a atenção e a aprendizagem sobre aquilo que está sendo ensinado e exigido a partir de dimensões subjetivas, objetivas, sociais e

culturais e não só isso, mas também os aspectos psíquicos e emocionais (RIBEIRO, 2014).

Neste sentido, a atenção se apresenta como um potencial a ser cultivado, um elemento que pode se aproximar da experiência e contribuir para a "abertura" ao sentido, na autoria do ser. Cultivar a atenção é, portanto, criar condições para o seu nascimento e desenvolvimento, empenhando-se para mantê-la viva, pulsante e inventiva. O cultivo remete à conjunção do desenvolvimento com o cuidado. Cuidado que remete de volta à atenção. Prestar atenção a essa habilidade que mora no espaço de encontro com o outro e com o mundo. (RIBEIRO; et al 2014).

Para que a criança consiga sair do "aprisionamento" atencional, Fernández (2012) sugere que antes da operação dos diagnósticos dos déficits é necessário resgatar a potência atencional da alegria. A alegria pelo encontro com a diversidade, a capacidade de surpresa e a espontaneidade" são ingredientes básicos ligados às questões atencionais.

Quando a criança está brincando, o potencial atencional da alegria conecta-a simultaneamente com o incomensurável de seu desejo e o mensurável do limite que o mundo real lhe oferece. Experimentando como participante ativo entre o impossível e o possível. A atividade lúdica é integradora do pensar e do desejar. (FERNÁNDEZ, 2012)

A alegria é a disposição ao encontro do imprevisto. Distrair-se do previsto, do imposto, da dificuldade, para atender à possibilidade, que é a condição básica para aprender e a substância do brincar. É partindo desse lugar que se presta "atenção". Estar suficientemente distraído para deixar-se surpreender e suficientemente atento para não perder a oportunidade, diz Paín. (...)

Os espaços atencionais são intersubjetivos: neles, pode-se desenvolver e experienciar a genuína alegria da autoria. Alegria que vem de mãos dadas com a capacidade para a surpresa e a espontaneidade, conformando a energia imprescindível para que a agressividade saudável, criativa e necessária ao processo de pensar não se transforme em violência contra o mesmo sujeito e o seu entorno.(Fernandez, 2012 pp. 16-20)

De certa forma, ao trazer esse termo Fernandez, se refere às condições de constituição e desenvolvimento do mundo de cada criança. Assim, esse processo

ocorre de forma gradativa, pois assim como abordado anteriormente deve se levar em consideração o modo de ser e o tempo do paciente.

Identificar a particularidade de cada indivíduo é uma tarefa importantíssima. Dessa forma cada um será respeitado pela sua singularidade e no desenvolvimento respeito o seu processo de forma acolhedora. A criança nessa perspectiva será valorizada, e tendo a oportunidade de olhar para as experiências com curiosidade e mente aberta. Portanto, ao dar espaço para a criança respirar ela terá tempo de entender o seu mundo, entender o outro e se entender frente às demandas que o cercam conseguindo se autorregular. Como consequência, terão maior autonomia.

CAPÍTULO III - PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES LIGADAS À ATENÇÃO

As crianças vão moldando suas características desde pequenas em função da qualidade e da quantidade de estímulos ou até da falta deles. Desenvolver essas características na fase precoce da vida gera inúmeros benefícios a longo prazo, tanto no ambiente escolar quanto na parte social. Esse desenvolvimento traz para as crianças um melhor rendimento e adaptação escolar, além de prevenir uma série de problemas sociais e de saúde mental (DIAS, 2010). Para Diamond (2012) trabalhar na fase primordial da vida com essas habilidades executivas, principalmente com a atenção, pode evitar problemas de déficit e assim, facilitaria o reconhecimento e a remediação das consequências desses déficits, tais como o TDAH ou Transtorno de Conduta.

Diante desta nova realidade, foram criados programas e modelos interventivos com foco na atenção para poder mostrar a importância de trabalhar com esse assunto e dessa forma, conseguir mensurar os benefícios trazidos com essa nova prática. Os principais objetivos dessas atividades são os de reduzir o estresse, cultivar a autoconfiança das crianças, adotar uma aprendizagem ativa e prática, enfatizar o desenvolvimento do caráter, promover habilidades sociais e vínculos além de trabalhar com a atenção (DIAS, 2010; DIAMOND, 2012). Abaixo serão citadas algumas práticas para exemplificar como a atenção pode ser trabalhada na Educação Infantil, com o objetivo de entendermos o benefício desse estudo na formação do indivíduo. São elas: o programa *Tools of the Mind*, *Inner Kids*, Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas- PIAFEx e o Crescendo Zen.

3.1. Programa *Tools Of The Mind*

O programa *Tools of the Mind*, criado em 1997, tem como principal objetivo promover o desenvolvimento cognitivo de crianças antes do processo de alfabetização. Os autores desse programa desenvolveram uma série de ferramentas para ajudar na Educação Infantil e métodos para treinar professores no uso dessa abordagem. É fundamentada nas teorias de Vygotsky. O propósito do projeto é que as crianças adquiram a capacidade de autorregulação de sua atenção e de seus

comportamentos. Busca-se ampliar e não acelerar a aquisição de conhecimento, promovendo oportunidades educacionais (BODROVA; LEONG, 2001; DIAS, 2010).

A base desse projeto é fundamentada em quatro pilares: mediadores externos, incentivo ao uso da linguagem, atividades compartilhadas e a 'brincadeira madura'. Os mediadores externos formam o pilar para que as crianças aprendam a observar e controlar seus próprios pensamentos e que, com o passar do tempo, consigam regular o controle sobre o seu comportamento. Essa regulação pode se dar por meio de objetos, figuras, desenhos, fotos e ações físicas. Esses recursos, em muitos casos, servem para retomar o conteúdo que está sendo desenvolvido e capacitar para o entendimento da atividade. Ao contar uma história, por exemplo, ao invés de exigir um silêncio profundo, são apresentadas figuras (uma orelha, por exemplo) para que lembrem do seu papel de ouvinte e assim consigam construir conexões entre o visual e o auditivo. Portanto, a função dos mediadores externos é expandir capacidades mentais como atenção, memória ou pensamento permitindo que a criança tenha um melhor desempenho cognitivo e crie padrões (SITE TOOLS OF THE MIND, 2020; BODROVA; LEONG, 2001).

Outro pilar importante é o incentivo ao uso da linguagem, o discurso privado se dá quando a criança fala enquanto está pensando, tornando os seus processos mentais explícitos. Ao desenhar uma figura, pode ser um ente familiar, geralmente nota-se que a criança usa a fala como um meio para expressar o tamanho, a forma, o local da figura na página. Parece que a pessoa está falando com alguém. Na realidade é um diálogo consigo mesmo e não direcionado para um ouvinte. Esse discurso serve como uma conexão de pensamentos, quando a maioria das funções mentais superiores não estão totalmente desenvolvidas. Assim acaba tendo uma conexão da criança com ela própria, servindo como um portador de pensamento. Sendo assim, a criança precisa resgatar fatos, selecionar eventos específicos, colocando as informações em uma sequência lógica (DIAS, 2010).

O terceiro pilar é o das atividades compartilhadas, pois, é nele que ocorre uma troca rica entre as crianças, entre as crianças e o educador, e as crianças e o meio, pois promove um padrão que servirá como base para a futura autorregulação e para os conhecimentos metacognitivos. Ou seja, com a prática, as crianças serão capazes de adotar as regras impostas em uma simples brincadeira como sendo um comportamento adequado para o convívio social. Como por exemplo, em uma brincadeira de roda, as crianças que não estiverem na roda ou ficarem em pé o tempo

todo, serão usadas como ajudantes para observarem se os outros colegas da roda irão se comportar de modo inadequado. Dessa forma, a criança irá entender que uma determinada postura será o padrão esperado em uma determinada brincadeira ou atividade e assim criar um comportamento adequado. De tal modo, fará com que as crianças tenham a possibilidade de praticar, analisando a regulação do comportamento de outros, assim como do seu próprio. Então, a criança será capaz de regular o comportamento dos colegas, e irá internalizar as mesmas regras aos seus atos (DIAS, 2010).

O último é a 'brincadeira madura', levando em consideração que brincar é uma das atividades mais propícias para o desenvolvimento infantil. Como por exemplo, ao iniciar um jogo, é importante que as regras e as funções de cada um no jogo sejam definidas para que cada um saiba o seu papel no jogo e como ele vai acontecer. Ao término, pode-se promover um feedback do que aconteceu, através de uma linha do tempo desenhada ou através da fala em que os alunos irão recontar os fatos para que aprendam a controlar os seus comportamentos. E fiquem atentos aos seus papéis. Assim, essas brincadeiras, por mais que não pareça, são carregadas por funções importantes, tais quais as regras que as crianças precisam seguir, trabalhando com a capacidade de integração entre pensamento e emoções e a autorregulação de comportamento. Com o tempo os comportamentos nos jogos vão amadurecendo (BODROVA; LEONG, 2001).

Em suma, as propostas que o projeto traz, são atividades que podem ser facilmente adaptadas para o grupo. Além de ser um dos únicos projetos que apresentam pesquisas na área de psicologia e neuropsicológica e que mostram a importância do desenvolvimento de habilidades executivas, sendo uma delas a atenção.

Dessa forma, para verificar se de fato daria certo o projeto, em 1997 decidiram fazer um experimento sobre qual seria o impacto que *Tools of the Minds* teria em relação à aprendizagem das crianças. Sendo assim, uma escola do Colorado serviu como base para esse estudo usando dez salas da Educação Infantil como base, cinco salas experimental e cinco controle, para examinar se teria uma melhora na parte cognitiva e na habilidade da alfabetização. E o resultado apontou que os alunos que estavam no projeto demonstraram níveis mais altos de desempenho e taxas de progresso mais rápido do que as salas de controle. Algumas questões a serem observadas no grupo participante do projeto são: um aumento na capacidade de

escrever palavras novas, um vocabulário mais rico e maior complexidade nas mensagens e conseqüentemente, uma maior noção de trabalhar com a sua atenção, tendo um aprendizado maior. (BODROVA; LEONG, 2001)

3.2. Programa *Inner Kids*

Inner Kids é um programa que foi desenvolvido por Susan Kaiser Greenland, em 2001, e que compartilha práticas de mindfulness ou atenção plena. Tem como objetivo ensinar a reflexão, a consciência e a atenção ao momento presente. Também apresenta temas ligados a gentileza, compaixão, equilíbrio e trabalho em equipe (RAHAL, 2018). Para Susan Kaiser Greenland (2016), a atenção plena é uma maneira de ajudar as crianças a desenvolverem habilidades de foco, enquanto aprendem a regular suas emoções e a responder a qualquer situação com calma (GREENLAND, 2016). Para ela, a nova base das escolas deveria incluir no seu currículo o conceito do ABC 's. Esse termo ainda não tem uma tradução, mas em inglês significa *Attention, Balance e Compassion*. (Atenção, Equilíbrio e Compaixão) (GREENLAND, 2020)

Este programa pode ser implementado de diversas maneiras e muitas das atividades estão baseadas em movimentos corporais, como o uso de jogos de acordo com a idade, O objetivo desse jogo é promover a consciência de si mesmo, dos outros e do meio ambiente. Estes jogos podem ser executados em conjunto com a rotina das crianças e abordam temas importantes do cotidiano como a paciência, o aprender a resolver uma disputa no parquinho, o de se firmar se estiver chateado ou a ignorar uma distração para se concentrar no dever de casa (GREENLAND, 2020).

Para tal, são realizados encontros que são divididos em três partes, em um primeiro momento é estipulado um breve período para a primeira prática (aproximadamente três minutos). As crianças, neste momento, realizam atividades sentadas, pois, é um momento dedicado à reflexão sobre as suas experiências, sobre o seu íntimo, é uma introspecção. Em um segundo momento é proposto alguma atividade mais lúdica que tenha como objetivo principal trabalhar com o tema principal do encontro, como por exemplo, a consciência da respiração, o foco se dá no aprendizado. Na maioria das vezes, é através dos jogos que se desenvolvem essas práticas atencionais. E por último as crianças fazem uma análise interna sobre como se deu tal prática, quais foram os sentimentos desenvolvidos e como estava o seu foco atencional (FLOOK et al, 2010; RAHAL, 2018).

Em 2010, o programa *Inner Kids* foi executado por Flook et al. ao longo de oito semanas, sendo dois encontros semanais de 30 minutos com alunos de seis a nove anos, nos Estados Unidos. Os pais e responsáveis responderam a diversos questionários sobre o comportamento das crianças. O resultado mostrou que o programa apresentou uma melhora principalmente na regulação do comportamento e na metacognição e as crianças que, antes dessa exposição a esse programa, tinham níveis insuficientes de funcionamento executivo, obtiveram um impacto mais positivo (FLOOK et al, 2010).

Dessa forma, nota-se que nessa intervenção, a atenção, quando trabalhada, pode apresentar ganhos significativos. Nesse caso, observamos que o ganho foi com a diminuição do estresse e ansiedade, com o aumento da autorrealização e uma melhora na regulação do comportamento.

3.3. Programa de *Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas - PIAFEX*

O Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas o PIAFEX, se dá por um manual que aborda 43 atividades com o objetivo de estimular o desenvolvimento de habilidades em crianças da Educação Infantil até o início do Ensino Fundamental, incluindo habilidades como organização, planejamento, regulação emocional, memória de trabalho e a atenção. Essas atividades estão divididas em 10 módulos sendo eles: organização de materiais/rotina e manejo do tempo, organização de ideias estabelecimento de objetivos e planos, estratégias para o dia a dia, organização de ideias, estabelecimento de objetivos e planos, funções executivas nas atividades físicas e motoras, comunicação e gestão de conflitos, regulando emoções, trabalhando com colegas uma oportunidade de exercitar a hetero e autorregulação, jogando com os significados das palavras, conversando sobre as atividades e a brincadeira planejada. (DIAS, 2014)

A maioria das atividades do programa PIAFEX são mais lúdicas e podem ser facilmente encaixadas no cotidiano das crianças, logo, acabam sendo um instrumento, principalmente para professores, que apresenta, práticas baseadas em evidências. Tendo em vista que o controle emocional depende do desenvolvimento adequado das funções 36 executivas, esse programa ajuda o educando com subsídios teóricos e práticos para uma formação global para que as crianças saibam lidar com as

constantes demandas da escola e do mundo em que vivem. Portanto, esses educandos terão um melhor desempenho nas práticas intencionadas, isso é, uma melhor postura e interação na sociedade (DIAS; SEABRA, 2013).

Ainda se tem poucas pesquisas referentes ao programa PIAFEx, porém um estudo realizado pela Natália Dias (2014) revelou que as crianças que tiveram contato com esse manual, ao longo de um ano, tiveram ganhos superiores a outros colegas principalmente na parte da atenção e inibição. Além disso, observou-se que, se adaptado, esse material também pode ser usado em clínicas para tratamentos como o TDAH. Esse programa, por ser relativamente novo, tem novos estudos em andamento. (DIAS, 2014)

Assim sendo, esse material acaba sendo um guia para profissionais da área da educação por fomentar uma ligação entre a ciência e a educação. É relevante por apresentar diversas habilidades cognitivas, entre elas a atenção. Destaca principalmente que o trabalho com essas habilidades deve ocorrer nos anos iniciais para que de fato, ocorra uma aprendizagem significativa.

3.4. Projeto Crescendo Zen

O Projeto Crescer Zen se iniciou em 2016 e foi aplicado na Escola Educare Montessori em Goiânia em crianças de 3 a 7 anos. O resultado foi positivo tanto para as crianças quanto para os pais e a própria escola. Foi possível observar que as crianças se mostraram mais “interessadas, curiosas e concentradas”. (Melo 2020, p. 14) O principal objetivo é que as crianças consigam ser mais calmas, pacíficas, felizes e relaxadas, menos ansiosas, reduzindo o estresse e melhorando sua interação com o mundo. Assim o projeto busca trabalhar com oito focos de atenção sendo eles: respiração, foco, auditiva, corporal, noções de interconexão, movimento, emoções e alimentação. (MELO, 2020)

A proposta do Crescendo Zen tem três etapas básicas. A primeira é que as crianças nunca deixem de lado o brincar e se divertir, sendo isso uma das prioridades da vida. O segundo o meditar, porém meditar de forma lúdica. E o terceiro, o compartilhamento dos ensinamentos, desta forma terá uma transformação, mesmo que de forma sutil, na sociedade. (MELO, 2020)

O princípio do projeto se dá com atividades trabalhadas de forma gradual e integral ao longo do ano com a intenção de se trabalhar as oito atenções (respiração,

foco, auditiva, corporal, noções de interconexão, movimento, emoções e alimentação) . Conta com módulos contínuos anuais, com aulas uma vez por semana de duração de 45 minutos.

O projeto teve grande sucesso e tem grande repercussão até hoje, relatado em um livro com mais de 60 atividades conhecido pelo nome de Crescendo Zen.

3.5. Considerações das Propostas

Nota-se que já existem programas que se preocupam com uma educação de forma significativa para o indivíduo, ou seja, uma educação que se preocupa em formar o sujeito para a vida ao invés de só ensinar conteúdo, que o ponto principal é a forma como as crianças irão aprender e não só o conteúdo final. Portanto, percebe-se que os programas destacados acima têm em comum a ideia de integrar atividades ao currículo escolar, sendo possível usar esses recursos em sala de aula.

Outro ponto em comum é que todos os programas têm como objetivo promover as habilidades de diversas formas, assim acabam tendo uma grande variedade de possibilidades para essas práticas e quando praticadas de fato e exercitadas servem como ferramentas autorregulatória que darão suporte para o controle atencional.

Por fim, há de se destacar que cada vez mais surgem programas ligados à atenção que se preocupam com a formação das crianças. Dessa maneira, um dos desafios é de como ajudar as professoras a implementarem essas práticas na sala de aula e não só isso, mas pensar nessas práticas na psicopedagogia.

CAPÍTULO IV- PROPOSTAS DE ATIVIDADES LIGADAS À ATENÇÃO

Como já vimos anteriormente, foram criados projetos que trabalham as questões atencionais. Porém, esses projetos não servem como "manual" que restringe o modo que devemos trabalhar. Eles servem como inspirações. A atenção pode ser trabalhada em diversas atividades do cotidiano e em alguns casos essas atividades acabam sendo não observadas e não tendo muito valor, como a brincadeira com o quebra-cabeça.

Um estudo em 2016, desenvolvido por Altun e Hazar, investigou 213 participantes na idade de 4 a 10 anos, incluindo 113 no grupo experimental e 100 no grupo de controle. O grupo experimental recebeu, na sua grade horária escolar, um quebra-cabeça durante três dias por semana, uma hora por dia durante 10 semanas, enquanto o grupo de controle teve aula normal. No final do estudo, Altun e Hazar concluíram que houve uma diferença significativa em favor do grupo experimental no que diz respeito à atenção. A atenção das crianças que estavam no grupo do currículo de quebra-cabeças e as crianças que receberam o currículo normal da Pré-Escola do Ministério da Educação Nacional era diferente. Portanto, demonstra-se que também é importante praticar diariamente um exercício que treine essa habilidade. Também nesse estudo, mostra-se que é muito mais fácil treinar a atenção de uma criança no desenvolvimento, em vez de postergar o estudo para idades posteriores. Assim, conclui-se que os jogos acabam sendo muito mais do que só ferramentas para entretenimentos, mas fornecem um ambiente de aprendizagem (ALTUN, HAZAR, 2016).

Diante do que foi dito anteriormente percebe-se que a atenção é uma habilidade básica que as crianças precisam necessariamente ter e no momento que as crianças passam a ter uma maior consciência sobre essas habilidades, elas passam a ter uma maior noção sobre si mesmo, sobre o seu corpo, suas emoções e seus pensamentos. E o papel da escola e do psicopedagogo é fazer com que essas práticas de atenção sejam consolidadas.

Abaixo encontram-se exemplos de atividades para se basear quando trabalhar a atenção com crianças da Educação Infantil.

4.1. Exemplos de Atividades para Desenvolver com as crianças

Jogo do Oi - Cada criança falará “oi” ao seu vizinho e irá observar a cor dos seus olhos. O objetivo é notar e dizer em voz alta de que cor o olho da pessoa parece para você. Essa prática ensina a experiência presente, a observar através da atenção do outro. Deve ser realizado com uma certa frequência, para observar o avanço que as crianças terão ao longo do ano, por exemplo, uma criança tímida, que sempre coloca a mão no rosto, com o tempo é bem provável que não precise colocar a mão para se esconder. Essa brincadeira pode ser adaptada com outras observações e pode ser feita também com perguntas.

Seu Mestre Mandou - Terá um mestre na brincadeira. Esse mestre começará dizendo, “o mestre mandou...” e fará um movimento e os outros devem segui-lo. Só que o movimento só pode ser seguido se no começo da frase o mestre disser “o mestre mandou”.

Jogo do Pula Pula - De pé, as crianças formam um trenzinho em um círculo, com uma criança atrás da outra. É colocado uma almofada no chão entre cada criança. O líder do trem vai ser responsável por dar as ordens e os outros vão precisar repetir. A primeira ordem é “De pé, respire, foco, pule “, enquanto toca um tambor. A frase será dita de acordo com a batida do tambor. Conforme o jogo vai avançando, as instruções vão diminuindo. Quando menos instruções mais rápidas o trem se move. Os alertas vão de “de pé, respire, foco e pule” para “respirar, foco, pule”, de “foco, pule” para “pule” e, finalmente, as crianças, estimuladas pela batida do tambor, executam sozinhas a ordem. Está sendo trabalhada a questão da respiração, da consciência e do movimento.

Passa a xícara – Todos se sentam em círculo, colocando no meio um copo com dois terços de água. O primeiro jogador pega o copo e passa para a próxima pessoa, e assim todos continuam ao redor do círculo. As crianças deverão observar quais os sons e sensações que tiveram. Depois que o copo passou em todo mundo do círculo, o sentido é invertido.

Na segunda partida, o jogo se repete só que dessa vez os alunos estarão de olhos fechados. Ao final do jogo as crianças falam sobre as diferenças entre jogar com os olhos abertos e fechados, e quais pistas ajudaram a conseguir realizar as atividades. Nessa atividade se trabalha a questão da concentração e a atenção que precisa estar focada.

Sino de Atenção Plena - O sino pode ser qualquer instrumento que produza um som agradável e contínuo. Toda vez que o instrumento for tocado, as crianças devem parar a atividade para perceberem a sua respiração. Tem como foco interromper o controle automático.

Cata-Ventos - Em um primeiro momento, as crianças vão precisar respirar fundo pelo nariz e soprar o catavento com a boca. O educador fará um convite para elas observarem como seus corpos se sentem ao fazer essa respiração.

Em um segundo momento a criança fará o mesmo processo só que com uma respiração curta observando como o seu catavento se movimenta. Assim, as crianças terão a possibilidade de perceberem o que os tipos de respiração provocam nelas, além de assistir o cata-ventos girando. É sempre bom, no final, fazer uma roda de conversa sobre quais foram as sensações que a criança sentiu.

Estátua - Os alunos devem dançar uma música. Quando a música parar, devem parar também. Esse jogo pode ser adaptado para ao invés das crianças fazerem uma estátua, elas apenas tenham que se acalmar e prestar atenção na respiração.

4.2. Consideração das Atividades

A TV, as mídias, a tecnologia e o grande consumo de brinquedos são realidades nas vidas infantis. Já os smartphones, jogos de computadores, videogames e outros eletrônicos aparecem com a função de distrair as crianças. Esses jogos que, muitas vezes, promovem melhorar a atenção das crianças, na verdade, acabam gerando outras questões como ansiedade, dependência e acabam hipnotizando (FRIEDMAN, 2020). Sem falar na quantidade de informação que esses jogos geram.

Muitas vezes o que as crianças precisam é de brincadeiras simples como as livres em que elas tenham o poder de tomar decisões e brincadeiras com um propósito. Cada vez que as crianças brincam elas abrem um pouco do seu universo.

“Cada narrativa é única, poética, essencial e diz quem é e como é cada uma delas. Abrir-se para essas manifestações, expressões e escolhas é uma brecha riquíssima para o adulto ter algumas pistas do universo e do momento vivido por cada criança. Muitas vezes elas repetem e/ou ressignificam temas estudados e vivenciados em sua casa, música ouvida no rádio, um diálogo que testemunham ou que assistiram na rua, nas redes sociais ou na TV. Escutar sem interromper é uma arte” (FRIEDMAN 2020 p.113-114)

Assim, devemos dar espaço para que as crianças explorem o mundo, respeitando as suas individualidades. Pensando em atividades com um propósito. E não apenas dando uma atividade por dar ou porque está escrito em algum lugar.

Wilber (2002-2007) em sua abordagem aponta que o cultivo da atenção no universo da brincadeira pode favorecer o desenvolvimento da atenção nos diferentes aspectos: físicos e biológicos, comportamentais, psíquicos e emocionais. Além de proporcionar ao sujeito um modo de entrar em contato, experimentar e conhecer o seu mundo.

CAPÍTULO V – ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO

Dizem que ela anda por aí procurando...
Aqueles que querem caminhar
Pelas doces salgadas águas do mar

Dizem que ela anda por aí procurando...
Aqueles que querem saber
Como é lá embaixo nas escuras terras do ser

Dizem que ela anda por aí procurando...
Aqueles que gostam de cantar,
Cantar cantigas de ninar

Dizem que ela anda por aí procurando...
Aqueles que perderam a candura
Do ar de crianças, ao anoitecer,
Para lhes devolver...

Fátima Freire Dowbor

A Psicopedagogia - ao contrário do que é geralmente presumido - não é restrita a uma fração da psicologia ou pedagogia, nem é uma combinação simplista de ambas as áreas. É, em vez disso, uma disciplina de conhecimento e prática profissional que se concentra na temática da aprendizagem e no indivíduo que aprende. Embora a ênfase inicial tenha sido principalmente nas dificuldades de aprendizagem e no fracasso escolar, a sua preocupação atual é muito mais ampla e volta-se para a compreensão do processo de aprendizagem humana, considerando uma variedade de fatores, incluindo aspectos físicos, emocionais, psicológicos, pedagógicos, sociais e culturais. (FERNANDES, 2013; ANDRADE 2014)

Para o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (Biênio 95-96) no Capítulo I- Dos Princípios, define a Psicopedagogia no seu artigo 1º como:

A psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio família, escola e sociedade no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia.

Parágrafo único

A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.

O psicopedagogo pode atuar tanto na clínica quanto nas instituições, conforme o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia, esse trabalho ocorre por meio de um olhar multidisciplinar, inter e transdisciplinar. Na clínica, o objetivo principal é reintegrar o indivíduo com dificuldades de aprendizagem ao processo, enquanto no âmbito institucional o foco é na prevenção, por meio de reflexão e discussão de projetos educacionais, processos didático-metodológicos e dinâmicas institucionais. Essas dimensões estão interligadas, e sempre que a abordagem clínica for necessária, mesmo dentro de uma instituição, o papel do psicopedagogo não é eliminar o sintoma em questão, o que seria mais apropriado para um "professor de reforço", mas sim diagnosticar e intervir na raiz do problema. (BIÊNIO 1996)

Normalmente, as crianças ou adolescentes são encaminhados ao psicopedagogo quando apresentam dificuldades de aprendizagem que levam ao fracasso escolar. Para Weiss (1997), o fracasso escolar é causado por uma conjunção de fatores interligados que impedem o bom desempenho do aluno em sala de aula. Por isso, cada indivíduo deve ter um olhar cuidadoso sobre as suas particularidades. Sendo assim, é importante promover a capacidade do indivíduo de pensar através de suas singularidades. (Paín 1985). Buscando estudar o processo de aprendizagem de cada um.

É preciso não confundir o aluno com dificuldade de aprendizagem com o aluno que aprende, mas não tem a produção esperada pelo professor ou pela família. Por isso é importante ter uma compreensão global da forma como o indivíduo aprende e dos desvios que estão ocorrendo no processo. (Weiss, 1997)

Uma alternativa para entender o mundo das crianças é através do brincar, pois é brincando que a criança fala de si simbolicamente, podendo revelar as angústias e os sintomas que apresenta. Winnicott (1982) explica que as crianças têm o desejo de comunicar-se com os adultos através das brincadeiras, assim como o adulto o faz falando em análise. A criança faz isto por quê:

[...] tem uma grande crença na capacidade de compreensão do adulto, de modo que o psicanalista conhece enormes dificuldades para corresponder ao que a criança dele espera. As crianças mais velhas estão comparativamente desiludidas a tal respeito, e para elas não constitui grande choque não serem compreendidas [...] (WINNICOTT, 1982, p. 165).

Em resumo, a brincadeira pode ser uma maneira valiosa de entender as crianças, pois é através dela que elas simbolicamente expressam seus sentimentos e pensamentos. Winnicott destaca que as crianças desejam se comunicar com os adultos através das brincadeiras e têm grande confiança na capacidade dos adultos de compreendê-las. No entanto, os adultos podem encontrar dificuldades para corresponder às expectativas das crianças, especialmente das mais novas, o que pode levar a uma desilusão em relação à compreensão dos adultos. (Winnicott,1982)

Por isso, no momento da brincadeira devemos olhar a produção como um todo. Ou seja, o psicopedagogo precisa exercer a escuta e não só isso, mas olhar os gestos durante as brincadeiras, ouvir as falas e compreender as dramatizações.

Na brincadeira, a criança aprimora sua habilidade de concentração e atenção, constrói um universo de oportunidades e situações inovadoras que impulsionam sua independência, desenvolve suas aptidões motoras, reduz a tendência à agressividade, estimula sua criatividade e favorece a integração, o que resulta no avanço do seu progresso intelectual e social. (PELA, et al 2014)

Ao abrir um espaço de brincar durante o diagnóstico, já se está possibilitando um movimento na direção da saúde, da cura, pois brincar é saudável. Criar uma atmosfera de brincadeira durante a avaliação psicopedagógica não tem só o objetivo de divertir, é vantajoso porque a criança tem a possibilidade de investir ativamente, de explorar a atividade e o ambiente com maior sucesso, uma vez que esse é estruturado para tal, permitindo a criança tornar-se madura e capaz de organizar de maneira eficiente a informação sensorial, aumentando sua autoconfiança e autoria, o que, conseqüentemente, irá ajudá-la a desempenhar seu papel ocupacional, que o do brincar. (BRUM, 2015; ROHR, et al, 2016).

Do meu ponto de vista, no brincar pedagógico, existe uma objetividade que trabalha a intencionalidade e o desenvolvimento das habilidades objetivas, como classificar e categorizar. Já o brincar psicopedagógico é subjetivo. Os psicopedagogos não ensinam, nem avaliam, a ler, escrever ou desenhar, ajudam a cavar os buracos do desejo com o jogo. Oferecendo uma proposta para o jogo, mas não se fala o que deve ser feito, deixa a criança livre para inventar, criar, o controle não é nosso, é da

própria criança. Porque como escreve Fernandez (2010) *“quando a criança joga, é o próprio jogar que vai produzindo sentido”*.

Desta forma, um dos papéis do psicopedagogo é garantir uma educação de qualidade além dos conteúdos escolares. É trazer sentido para a vida, valorizando aspectos positivos da criança.

A maneira como aprendemos é influenciada pela forma como fomos introduzidos no mundo das coisas e das pessoas durante nossos primeiros contatos. Isso inclui a maneira como fomos ensinados a olhar, a falar e a perceber as cores e cheiros do mundo ao nosso redor. (FRIEDMANN 2020). Assim como deve ser o modo de prestar atenção.

Por conseguinte, a psicopedagogia entende que o ser humano, precisa fazer parte do processo agindo ativamente. São através de atividades lúdicas que se observa a essência do indivíduo.

Dentro de um jogo, por exemplo, é possível identificar como está a atenção e como ela está se desenvolvendo. Enquanto a educação se preocupa com os resultados, ou seja, as notas no final de cada período, o psicopedagogo se preocupa com o processo para chegar ao bem-estar e qualidade.

Neste âmbito, o psicopedagogo consegue desenvolver habilidades e estratégias para trabalhar a atenção desde cedo e os benéficos na aprendizagem e no cotidiano surgir. E isso ocorre de forma natural, percebe-se uma diferença na capacidade de regular as emoções, a relação com as normas e regras e adquirir maior habilidade nas relações sociais (RUEDA, 2010). No momento em que a criança consegue desenvolver a consciência da atenção, ela também consegue controlar melhor questões ligadas ao cérebro. A atenção acaba trazendo uma maior consciência corporal para a criança, ela passa a se conhecer melhor e controlar algumas situações do cotidiano, nas emoções, por exemplo, as crianças acabam tendo uma maior facilidade de identificar e responder de uma forma mais positiva nos diversos contextos sociais, desenvolvendo assim melhor a inteligência emocional. E consequentemente acaba tendo menos impulsos emocionais e quando isso ocorre consegue ter uma decisão menos impulsiva. (PELA, et al 2014)

Em suma, o psicopedagogo quando desenvolve a atenção desde cedo traz uma série de benefícios para a aprendizagem e para a vida cotidiana das crianças. Além de regular as emoções e melhorar a relação com normas e regras, a consciência da atenção permite um maior controle sobre questões ligadas ao cérebro e uma maior consciência corporal. Isso, por sua vez, contribui para o desenvolvimento da inteligência emocional e ajuda a reduzir impulsos emocionais, resultando em decisões menos impulsivas. Em resumo, investir no desenvolvimento da atenção desde a infância pode trazer inúmeros benefícios para o bem-estar e sucesso das crianças.

CAPÍTULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que todas as crianças encontrem a felicidade livre
de obstáculos!
Que todas as crianças sejam capazes de
reconhecer
as sementes de alegria por elas mesmas!
Que todas as crianças possam viver em
equanimidade,
Livres de agressões e de preconceitos!
Que todas as crianças superem o sofrimento!
Que todas as crianças encontrem as verdadeiras
causas da felicidade!
Que todas as crianças sejam capazes de ajudar
todos os seres!
Que todas as crianças encontrem nisso sua fonte
de alegria e energia!
Que todas as crianças sejam plenamente felizes

Rachel Melo

Cada criança é única e carrega uma história. E quando ela brinca sempre no meio dessa brincadeira há uma narrativa que é transmitida e é baseada nas raízes e ações humanas. As histórias das crianças são retratadas nas culturas pelo ato de brincar. Assim sendo, não tem como abordar a atenção sem relacioná-las às brincadeiras.

A partir das pesquisas realizadas, verificamos que o cérebro é moldado por experiências repetidas. Por isso a importância de relembrar brincadeiras já vividas. Como por exemplo os jogos de tabuleiro conforme a criança vai jogando ela vai ressignificando.

Outro ponto importante do trabalho é que há diferentes tipos de atenção e conhecer os conceitos e os tipos de atenção é fundamental para se trabalhar a prática, para uma melhor compreensão do assunto.

Acredito que o papel do psicopedagogo é muito mais do que notas ou cumprir exigências do currículo. É alguém que vai ajudar a descobrir o sujeito pensante ajudando-o a trazer as suas potências. É alguém que permita a cada habitante da escola sentir alegria de aprender. E assim como traz Alicia Fernandez (2012) em seu livro é “desaprisionar” a atenção através da “potência da alegria”. Isto é, cultivar a atenção por meio de brincadeiras respeitando cada indivíduo.

Outro caminho para resgatar a capacidade de prestar atenção se dá através do cuidado. E dessa forma, como profissionais da área, devemos recuperar as nossas capacidades de atenção para tornar capaz que cada sujeito tenha um melhor cuidado consigo mesmo, tendo um grande desenvolvimento global.

Assim, somente com a observação cuidadosa, podemos entender quais os reais motivos da falta de atenção. Precisamos ver e ouvir as crianças. Concordo quando Adriana Friedmann diz que há inúmeras formas de escutar e observar as crianças e o importante é conhecer o caminho que a criança está percorrendo.

No momento em que escutamos as crianças estamos criando um afeto e assim construindo uma relação. E dessa forma, o psicopedagogo passa a sensação de estar presente, integrado, acolhendo o outro com base na escuta. Estando presente na relação e passando confiança para o outro também ficar presente.

Ao escutar e observar, nos aprofundamos no não dito e esse é o desafio do psicopedagogo.

Com estas colocações, pretendo abrir um campo de discussão para a Psicopedagogia sobre a importância do desenvolvimento da atenção no processo de aprendizagem e seus proble

REFERÊNCIAS

ALTUN, M; HAZAR, M.; HAZAR, Z. Investigation of the Effects of Brain Teasers on Attention Spans of Preschool Children. International Journal Of Environmental & Science Education 2016, Vol. 11, No. 15, 8112-8119., Gazi University, Faculty of Sports Science, TURKEY. Disponível em <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1118315.pdf>> .

ANDRADE, M. Cuidados e Descuidados na Dtenção à "Desatenção": Deflexões a partir da Dlnica Pedagógica 2014 Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica Disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15343/1/Maria%20Alice%20Castello%20de%20Andrade.pdf>

BEAR, M.F.; CONNORS, B.W & PARADISO, M.A. "Neurociências Desvendando o Sistema Nervoso" - 4ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2017

BODROVA E.; L, D. J. Tools of the mind: A case study of implementing the vygotskian approach in american early childhood and primary classrooms. Suíça: International Bureau of Education, UNESCO, 2001. Disponível em <http://www.ibe.unesco.org/publications/inno07.pdf>.

BODROVA, E.; LEONG. D. Curriculum and Play in Early Child Development. Encyclopedia on Early Childhood Development. Centre of Excellence for Early Childhood Development. USA. 2010.

BRECKENRIDGE, K.; BRADDICK, O.; ATKINSON, J. The organization of attention in typical development: a new preschool attention test battery. British Journal of Developmental Psychology, v. 31, n. 3, p. 271-288, 2013. Disponível: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=The+organization+of+attention+in+typical+development%3A+a+new+preschool+attention+test+battery&btnG>

BRUM, A. P.; A importância do brincar na perspectiva do psicopedagogo, 2015

CÓDIGO DE ÉTICA da ABPp. Conselho Nacional do Biênio 91/92, revisão Biênio 95/96. São Paulo, 1996.

COSENZA, Ramon M. Neurociência e Mindfulness: Meditação, Equilíbrio Emocional e Redução do Estresse. Porto Alegre: Artmed, 2021.

DAWSON, P.; GUARE, R. Executive skills in children and adolescents: A practical guide to assessment and intervention (2a ed). New York, NY: The Guilford Press, 2010.

DIAS, N. M.; SEABRA, A. G. Funções executivas: Desenvolvimento e intervenção. Temas sobre Desenvolvimento, v. 19, n. 107, p. 206-212, 2010

DIAS, N. M.; SEABRA A. G. Piafex: Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas, São Paulo, 2013

DUARTE, B. S.; BATISTA, C. V. M. Desenvolvimento infantil: importância das atividades operacionais na educação infantil. 2013

FAGALI, E. Q., Como avaliar diferentes tipos de atenção nos diferentes estilos cognitivos sócio afetivos. Enfoques teóricos analítico fenomenológico, Neurológico e da Psicologia de Desenvolvimento.; 2020-2021

FERNANDES, A A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional. (N. Hickel e R. O. Sordi, trads.). Porto Alegre: Penso. (Trabalho original publicado em 2012)

FRANCO DE LLIMA, RICARDO. Compreendendo os Mecanismos Atencionais. Ciênc. congñ., Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 113-122, nov 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180658212005000300013&lng=pt&nrm=iso>.

FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas epoiéticas das infâncias. 1 ed. São Paulo, Panda Books, 2020.

GREENLAND, S. K. Meditação em ação para crianças. Como Ajudar Seu Filho a Lidar com o Estresse e a Ser Mais Feliz, Gentil e Compassivo; (tradução Renta Pucci), Teresópolis, Rj : Lúcida Letra, 2016.

HANLEY, M. et al. Classroom displays—Attraction or distraction? Evidence of impact on attention and learning from children with and without autism. *Developmental psychology*, v. 53, n. 7, p. 1265, 2017.

PELA, Comitê Científico do Núcleo Ciência et al. O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem. Estudo I. 2014.

REIS, F., O perigo do uso da Ritalina, 2020. Disponível em : <<https://pfarma.com.br/informe/5112-o-perigo-do-uso-indevido-da-ritalina.html>>

RIBEIRO, R. B. ; FERREIRA, A. L. O cultivo da atenção: uma experiência com crianças de 4 e 5 anos. *Psicol. educ.*, São Paulo , n. 39, p. 89-105, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200008&lng=pt&nrm=iso>.

ROHR, C. S. et al. Functional Connectivity of the Dorsal Attention Network Predicts Selective Attention in 4–7 year-old Girls. *Cerebral Cortex*, v. 27, n. 9, p. 4350-4360, 2016.

ROHR, C. S. et al. Functional network integration and attention skills in young children. *Developmental cognitive neuroscience*, v. 30, p. 200-211, 2018. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1878929317302256>>

RUEDA, M. R.; CHECA, P.; ROTHBART, M. K. Contributions of attentional control to socioemotional and academic development. *Early Education and Development*, v. 21, n. 5, p. 744-764, 2010.

TANAKA, Priscila Junko. Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico. Constr. psicopedagoga, São Paulo , v. 16, n. 13, p. 62-76, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100004&lng=pt&nrm=iso>

MELO, R. Crescendo Zen: livro de atividades de meditação para crianças de 2 a 7 anos, Teresópolis, RJ : Lúcida Letra, 2020.

WEISS, Maria.L.L.**Psicopedagogia clínica:uma visão diagnóstica.**2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1982. (Trabalho original publicado em 1965).